

N.
68

70

© RISO

Prez
\$20

70

SETTEMBRO



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO A VENDA

Album de Cupidos, 1. ^a Serie	1\$000	Como ellas nos enganam	600 réis
A Família Rebelde	1\$500	Uma Victoria de Amor	600
O Chamisco	1\$500	Horas de Recreio	400
Variante de Amor	300	Barrado	600
Comedias	300	Velhos gaitzeiros	300

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica colleção de bilhetes postaes.

Um	200 réis
Seis	1\$000
Pelo correio	1\$500

O CHAMISCO ou O querido das mulheres
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

No proximo mez

o sensacional romance de actualidade

ENTRA, SINHOR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



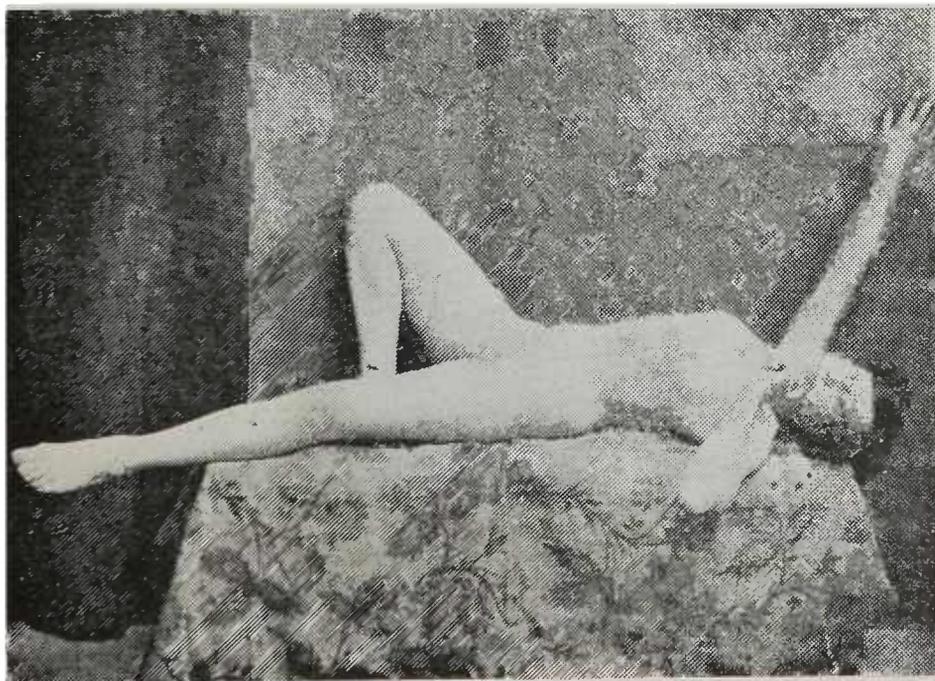
Risa

Semanario artistico e humoristico

NUM. 68

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CHRONIQUETA

Vocês hão de convir que, apesar de não ser um assumpto "capitalista", quero dizer, muito embora não se trate de um assumpto d'aqui da Capital, (lôgo... não é capitalista) devo, comtudo, dizer algo sobre os successos do Pará, quando mais não seja para salientar a bravura d'aquelle povo turuna, que acaba de dar a prova mais cabal do seu valor, dando os contras no pessoal *lemista*, sacudindo de vez a *canga* e fazendo aquella brilhante apothese ao grande republicano que sabe ser o Dr. Lauro Sodré.

Sim, senhor! aquillo é que foi uma

lição em regra dada nos *figurões* que pretendiam fazer daquillo o... da *mãe Joanna*... e ha de servir de emenda para o futuro.

Pena é que um certo povo que nós muito conhecemos não se resolve a atirar tambem com a albarda ao ar... seguindo o exemplo do bravo povo Paraense...

* * *

Engraçadissima foi a lembrança que, dizem, partiu do *chefe*, no sentido de serem vestidas calças nos macacos do Jardim Zoologico!

A idéa é realmente de arromba, não obstante parecer impossivel haver sido imposta semelhante medida, ordenada

O Piso

sem duvida no intuito de furtar aos pudibundos olhares das gentis visitantes do Jardim alguma perigosa *macacada*...

O caso é que os pobres simios lá estão mettidos numas calças que, se não são pardas, hão de ficar em breve dessa côr, ou mais escuras... a não ser que ellas tenham as necessarias aberturas, para quando os bichinhos estiverem apertados...

Qual! essa idéa de vestir os macacos só podia partir de alguém que tivesse *macaquinhos* no sótão!...

A semana forneceu tambem um escandalosinho muito interessante, e que já foi decantado em prosa e verso pelos nossos collegas grandes.

O leitor já percebeu naturalmente que nos referimos ao caso do senador Raymundo de Miranda e da salerosa bailarina Sára Sevilha, por quem o illustre avô da Patria esteve pelo beicinho... e de quem, afinal, levou uma *lata* barulhenta como todos os diabos juntos.

E foi ahi que pegou o carro, porque o seu Raymundo estava mesmo embeaçado pela pequena e não queria ser assim sem mais nem menos substituido por outro mortal, sem duvida mais feliz... D'ahi o escandal-o.

Afinal, o seu Raymundo teve toda a razão em dar o desespero, porque no fim de contas s. ex. é membro do Congresso, e um homem assim não se troca por outro qualquer; a não ser que s. ex. seja um membro já decrepito e incapaz de pre- encher os fins...

E o despejo que soffreu o "Albergue Nocturno Marechal Hermes"? Que dizem vocês a isso?

Naturalmente aquelle estabelecimento, que tantos serviços já prestara, não podia mais ser auxiliado pelos poderes publicos com a importancia do aluguel do predio, e como é preciso fazer *economias* porque o *deficit* se avoluma, foi-lhe retirado esse auxilio por não comportal-o o orçamento, ao passo que se vão proporcionando *propinas* de toda a sorte a figurões mais ou menos "empistolados"

Mas... é esta a ordem natural das coisas: feche-se o Albergue e abram-se as portas da detenção...

Rezam as chronicas que num authentico *forrobôdo* havido ahi numa zona qualquer, o convidado Benedicto Pedro

depois de entrar demais na *canninha*, qui fazer uma *deferença* e formou um *rolo* dos diabos, acabando tudo em pão!

O mais engraçado da historia é que ao trillar dos apitos appareceu o "guarda nocturno" da zona, que garantiu a *nieleca* e carregou com o Benedicto para o estado maior de grades do districto.

Soube-se depois que o camarada tinha armado o *rolo* por causa de uma *zinha* que, apesar de não se chamar "Zerferina", é uma *morena* geitosa mesmo... e com quem o Benedicto queria á viva força cavar o delle...

Foi infeliz. Estragou a zona e... *lambeu-se* todo!...

E por hoje, leitor, aqui fico; mesmo porque, a respeito de assumptos não ha muito por onde se pegar.

Deiró Junior.



Seguindo á risca

Sem modos graves, nem rispídos ;
Com cara lhana, o Thomé
Disse, ao seu filho, o José :
-- Tu istás p'r'ahi feito um home !...
Tains umas vellas espaduas ;
Um *vraço* ingual caju o meu ;
Vai, pois ó Zé... vai com'eu
Já fui - matal-a tua fome !...

Ahi tains... Eu não sou *somitego*,
São dois testões e um petaco :
P'ra tu tapal-o *vuraco*,
Q'amaís ó geito atopares...
Mas, ólha : - Tem-na purdencia
(Não por réceo, por medo)
D'aintruduzires-l'ô dedo
Mindinho, ao antis d'intrares...»

Emfim, chegaste !... Solicito,
Exclama o pae do José :
-- Então que tal... que tal é
A coisa... diz-me, ó rapaz...
-- Oh, pai ! Responde, mui tremul o
E com rubores na face,
Se *vósmeçê* a levasse,
Inteira, ha annos... atroz !...

Rabanete.



Pede-nos o Sr. Raymundo de Miranda para declarar que abandonou o genero cantoras. S. Ex. não quer ter mais des- afinados...

O Riso.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem . 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados.. . 300 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital.. 10\$000

Exterior... 12\$000

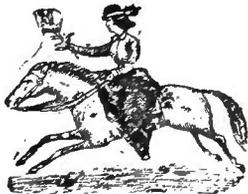
O corso nos suburbios

Como os senhores sabem, o nosso collega Figueiredo Pimentel, pelas ultra elegantes columnas do «Binoculo» instituiu o corso nos suburbios, que se realiza aos domingos.

Num destes ultimos destacamos um dos nossos companheiros que lá foi ter um poeirento trem do dr. Frontin.

Registramos aqui os nomes e vestuarios:

o celebre Figueiredo Pimentel em pyjama e chinello sem meias; o não menos celebre Paulo Barreto em bahiana com o celebre panno da Costa e camisa de renda; o famoso Xavier Pinheiro em diabinho com uma «Divina Comedia» na mão; o macaco Lulu, trajando um vestido azul *tout á fait chic*; D. Deolinda Daltro, na mais perfeita *toilette tamoya*, com magnificas pinturas de *urucú*; Mme.



Yayá Cocada, num carro de boi, com um magnifico «Empire», feito de cascas de cebolas; o actor Carlos Leal, com um tratado de metrificação, trajando um terno de casaca de panno alheio; a actriz Guilhermina Rocha, com o seu ar de Sarah de revista; e muitas outras pessoas, que deixamos de citar para não fatigarmos os leitores.

A estação de Todos os Santos, onde se realiza o corso, regorgitava e a poeira da rua empoeava as cabelleiras, dando a tudo um aspecto inteiramente Versailles, seculo XVIII.

Um lindo espectáculo.

O senador e a cantora

Estavamos muito a gosto, quando inesperadamente, nos entrou pela redacção uma linda *madama*, cheia de atavios, farfalhante e coruscante de joias.

Levantamo-nos immediatamente e convidamo-la a sentar-se no divan macio que temos por precaução na nossa sala.

—A quem temos a honra de falar?

—A' artista Sarah Sevilha.

—Ah ! fizemos logo. E' a mulher do senador ?

—Perdão, cavalheiro. Sou solteira.

—Queríamos dizer: a cantora que desafinou com o senador.

—Não fui eu quem desafinou; elle é que não acompanhou bem a musica como baixo que é.

—Então elle canta ?

—Mal, e as suas cantatas custam caro.

—A quem ?

—A elle, principalmente; e a quem ouve.

—Porque ?

—Porque ? Porque desandam as cadeiras ?

—Então as cadeiras entram nessas coisas.

—Como não ? Si se mexem... Então o senhor não sabe disso ?

—Não sabemos, pois não nos é possível, quando estamos em taes assados, observar tudo.

—Pois eu sei.

Ah ! A senhora fala de cima da dita ou das ditas.

—O senador levou-m'as todas.

—Então está descadeirada ? Não parece...

—Quero falar da mobilia.

—Tirou-lhe a cama tambem ?

—Não ; esta me ficou.

—Que vae fazer agora ?

—Vou apresentar-me candidata á sua cadeira.

—No senado ?

—De certo.

—Para que ?

—Para dar-lhe apartes.

A gentil hespanhola r tirou-se e ficamos a vel-a sair com o seu porte airoso.



O PISO

A CURIOSIDADE

A curiosidade é uma qualidade em certas e determinadas ocasiões; quando tem por fim a pratica de qualquer acto humanitario, como sejam: a salvação da Patria em perigo,—o amparo da pobreza,—a justiça aos desgraçados,—o conforto ao infeliz—e, afinal, quando ella é sómente movida pelo sentimento sublime da caridade e que tenha por desculpa a palavra —beneficio.

Fóra desta norma a curiosidade é um grande e perigosissimo defeito.

Quanta coisa funesta tem ella produzido?!...

Até tem havido guerras sangrentas por causa de um simples gesto de curiosidade.

Assim, é uma tremenda calamidade uma pessoa curiosa. Homem, ou mulher, que vive na companhia dessa endiabrada creatura, ha de ter por força a feição da fatalidade porque aquelle que segue os seus ditames, vai deixando por onde passa, o odio, a vingança, a intriga, a calumnia e a deshonra.

A mulher curiosa produz maior perigo que o homem curioso. Se não, vejamos:

Vivia numa cidade, cujo nome não vem ao caso, mais ou menos feliz o capitão Anacleto, com a sua esposa, a Sra. D. Angelica Puresa Virgem da Conceição! —mãe de 8 filhos!

Eram bem venturosos os 2, e nunca houvera uma só contrariedade que entristecesse aquelle lar onde reinavam o contentamento, a fartura, a paz, a confiança e a sinceridade.

Seu Anacleto era de um genio especial, concordava com todos os desejos da esposa, ainda mesmo que produzissem prejuizos. Elle não sentia, porque dizia sempre: «Eu quero dar toda a felicidade á—Puresa».

D. Angelica tambem não ficava atraz, era a virtude em pessoa... Mas tinha um mau costume, que se reduzia em querer saber todos os segredos do seu esposo. Porém, elle mesmo, é quem era o culpado, porque, mal entrava em casa e abraçava a mulher, dizia logo as novidades que sabia, e até factos que deveriam ficar occultos, pela sua gravidade—«Que ha de novo, Anacleto?» perguntava ella—e elle desembuchava:—«Aconteceu-me isso. Vai succeder tal desgraça. Amanhã rebenta aquillo que sabes»—e por ahi a fóra, todos os dias que Deus dava, e toda vez que voltava da rua. Uma vez, um amigo chegou até a pedir que elle não dissesse mais

nada, a sua esposa, principalmente segredos politicos, e o amigo dizia: «Olha, aquelle facto de hontem eu só contel a você, e no entanto, a cidade toda já sabe. Você não divulgou. Quem teria sido? Sua esposa, com certeza. Cautella, pois. E o Anacleto reflectiu: «E' o diabo. Ella exige de tal modo, que eu não sei a maneira de captar». Então o amigo lembrou: «Tenho um plano. Quando ella quizer saber os nossos segredos, você inventa uma historia e conta-lh'a com ar mysterioso pedindo muito segredo, pois, dessa forma, a coisa ficará sanada».

E assim fez o seu Anacleto. Um dia inventava uma historia, outro dia outra historia, escapando por esse modo das exigencias da D. Angelica que o prejudicavam tanto, porque tudo que ella sabia do marido contava a vizinhança que por sua vez espalhava pela cidade.

Certo dia, um politico procurou o seu Anacleto em casa e, no gabinete deste, tiveram uma longa conferencia de duas horas, de portas fechadas.

A' noite, á hora da ceia, D. Puresa perguntou-lhe:

—Que diabo de segredo foi o de hoje que vocês gastaram duas horas a conversar?

—O facto de hoje é um caso serio.

—E eu não posso saber-o?

—Não, mulher, tem paciencia, a coisa é agora de mais.

—Ora, você não me tem contado tanta coisa grave...

—Mas a historia de hoje muda de figura, porque envolve a nossa honra, a nossa reputação — a minha e a tua.

Tanto bastou para assanhar mais a curiosidade de D. Conceição, que apertando o esposo de tal forma com perguntas, entrecortadas de queixas, de lamentos e de lagrimas, obrigou a escapular a historia.

Seu Anacleto, porém, que já tinha uma historia inventada na cabeça, fingiu um momento, uma certa duvida, um certo escrúpulo, e ella, a esposa, acariciando o seu rosto implorava: «O' diz! eu não sou tão bôa para você! Diz-me, sim?»

Ahi, então o Anacleto falando baixo disse: «Logo que tu queres, eu te vou dizer. Mas veja lá.

—Juro que guardarei segredo.

—Bem. Escuta. Hontem, na casa desse amigo que esteve hoje aqui, eu passei por um vexame bem vergonhozo. Estava na sala com elle, em pé, olhando para um retrato, quando experimentei uma dor na barriga.

Diriji-me á «casinha», mas no trajecto

O Riso

eu senti qualquer coisa cair pelas minhas pernas abaixo. Verificando o que poderia ser, com surpresa medonha descobri que era um ovo que me tinha cahido.

— O'! Anacleto! Que horror!

— E' verdade. Puz um ovo, apesar de não ser gallinha.

— E contaste ao teu amigo?

— Certo. Por elle, porém, ninguém saberá.

— Nem por isso. Deus me livre que alguém saiba disto.

Está bem. Então fico tranquillo.

Depois dessa conversa o Anacleto foi ao seu gabinete, e a D. Puresa foi até o quintal, e cinco minutos mais tarde ella contava á visinha, pedindo segredo: "Sabe de uma coisa, D. Virtuosa? Meu marido, hontem, poz dois ovos. Não diga a ninguem, por nossa Senhora." E a visinha fazendo o signal da cruz exclamou: Nosso Senhor que me ampare.

No dia seguinte, quando o seu Anacleto recebeu o seu jornal de assignatura, encontrou a seguinte noticia: "Caso assombroso" Hontem, em casa do Sr. X. o Sr. A. conhecido politico desta cidade, foi victima de um phenomeno extraordinario.

Sentindo-se com fortes dores na barriga, dirijiu-se á "casinha", e, ao abaxar-se para defecar, verificou que estava pondo ovos. Até as 5 horas da manhã, o infeliz já tinha posto 47 ovos".

Após a leitura dessa noticia o pobre Anacleto teve uma syncope.

Esculhambufe



—O Raphael de que partido é?

—Não sabes. E' do da sala de jantar do Marechal.



As duas orquestras

Como a "banda" allemã que vive sempre tonta,
A gemer dia e noite, em prantos de agonias,
As notas mais crueis das fofas melodias,
Aos quaes ella se julga em muito boa conta;

Eu tenho no meu quarto, orchestra de «alta-monta»
Como aquella a chorar *manhosas symphonias*.
Que em paga do furor das tetricas orgias,
No sangue do meu corpo o lucro ella desconta.

Parecem mesmo irmãs. São mesmo em tudo iguaes.
No dinheiro e no sangue exprimem seus desejos,
As suas ambições, gloria e as idéas.

Paz gosto a gente: vêr das duas os cortejos:
Na rua, os allemães soluçam divinaes,
Suspiram no meu quarto os negros percevejos.

Esculhambufe.



Quatorze Versos... Mãos

—Eu não te quero mal.. Sinceramente,
O digo; á bem da Pura e Sá Verdade.
Não mais, meu Peito ardentemente, o invade
Esse, Odio Rubro, Intenso... Incandecente...

Amei-te... Oh, sim, amei-te!... E loucamente!
Em pleno ardor, da Plena Mocidade,
Quem não é doído, ou quem não é demente;
Na... tão feliz quão perigosa idade?...

Meu Puro Amor sincêro, o despresaste;
Mimosa, agreste flor; que a Ventania
Da Sorte, fez tombar da fragil haste...

E, agora, o que te résta, amada Iria,
Dos tempos bons d'antanho?... Um mão contraste:
—Os miseros lenções da Hospedaria!...

Es caravelho.



Campo Santo do "O RISO"

—
Lápides Lépidas
—

LAURO SO'... DRE'

Muito ardiloso politico
E um paraense da *gemma*;
Por norma tendo, e por thema:
— Na Ponta, sempre o Pará!
Em coisas *lémi-lauristicas*,
Indo intervir, muito á tóa,
Morreu... comendo uma bôa
Banana, dessas de Lá!...

Ignótus



LIVROS NOVOS

Sr. Ministro de Qualquer Pasta — COISAS SABIDAS — *Fi-
lhet & C.^a* — 12 pags.]

Acabamos de receber o portentoso volume que o eminente Sr. Ministro de Qualquer Pasta acaba de publicar.

Antes de tudo, convém notar que a produção do illustre governante não tem peso nem extensão. E' uma vantagem que convém encarecer e registrar nestes tempos de produção extensa é numerosa.

Censuram-se por ahi as pequenas *plaquettes* dos jovens poetas; mas isso é quando se trata de poetas.

Em se tratando de ministros, a coisa não é a mesma: e a novidade e a exiguidade de suas obras constituem motivo de apreço soberano.

O peso na litteratura só deve ser exigido aos pobres e obscuros; um ministro, porém, tem imunidades especiaes que o dispensam de tal exigencia.

Tratemos, agora, da obra em si, isto é, de seus conceitos.

Vejam só este pedacinho de ouro:

«Um chefe deve ser acceito espontaneamente e não pela coacção.»

Nas «Coisas Sabidas», não encontramos nada mais profundo.

Alguns autores conhecidos têm aventado sentenças semelhantes; mas nunca o illustre Calino, o sabio Homais ou o subtil Proudhomme avançaram maxima tão efficiente, de uma novidade tão palpitante como aquella citada que esmalta de ouro as «Coisas Sabidas», do Sr. Ministro de Qualquer Pasta.

Todos conhecem aquella tirada famosa: «tirai o homem da sociedade e elle ficará isolado.»

Não ha duvida que é profunda, mas a sua profundidade não se póde comparar com a desta que vem nas «Coisas Sabidas»: «Só é salutar o progresso que brota do desenvolvimento da ordem.»

Com esses e outros pedacinhos o Sr. Ministro de Qualquer Pasta conseguiu dar-nos doze pequenas paginas substanciaes e dignas da meditação dos jornalistas

estudiosos das elucubrações poderosas dos Srs. Ministros.

Parabens, pois, ás lettras com esse enriquecimento de «Coisas Sabidas»!

Um succulento volume!

Zêvê.



Para que o Pará páre os disparos disparados contra os paraenses disparatados, disparou para o local onde estão disparando, uma força do Exercito, que, disparadamente ha de fazer parar esse disparate em disparidade, com a parada do elemento militar, cujo commandante, uma vez parado, aparatosamente gritará: Para, Pará..»



Scena conjugal

A um grosso baile á *sustança*
Vae a Rita Carrazeda,
E veste, para a festança,
Uma camisa de seda.

Diz o esposo: — «não precisa
Tanto luxo, tanto chiste.
Porque em vez desta camisa
Não veste uma de *batiste*?»

Rita não perde o sentido
Ante pergunta tão triste,
E assim responde ao marido:

— «Tu não prevês os perigos...
Ora essa!... a de *batiste*!...

.....
Que não dirão teus amigos?!...»

Dom Perninhas



Ella: — O que te disse o papá, quando lhe pediste a minha mão?

Elle: — Oh! fez verdadeiros esforços para me ser agradável. Affirmou que eu tinha uma qualidade realmente admiravel.

Ella: — Sim? E disse qual era?

Elle: — Disse que era o meu desca-
ramento.

Já está á venda



O CHAMISCO

OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

—:—

Pelo correio 2\$000

O Riso

DECEPÇÃO...

Risonha, pudibunda e indiferente,
Meiga, gentil, garbosa... eu sempre vi-a.
Não sei porque... não sei, em certo dia,
Senti palpitações—que o moço sente!

Morava em um sobrado, assim... decente...
Havia, isto é verdade, olé se havia!
Buracos no assoalho e a gente via
Qualquer coisa «anormal» assim... «mordente»

Em dada ocasião fui ver a «flor»
Que se me afigurava de «primeira»
E p'lo buraco puz-me a meu sabor...

Ai! que thesouro!... mas que sorte avara...
Emquanto eu me «babava» a vez terceira,
Forte «sangria» me «borrava» a cara...

João Minhoca.

Marido: — A conta dos teus vestidos,
este anno, foi colossal! Importa em tanto
quanto os ordenados juntos dos meus
dois guarda-livros! E' mais do que o que
posso e devo gastar!

Mulher: — Isso tem bom remedio,
meu caro! Olha, despe de um dos guarda-
livros.



Ideal do caboclo

ARISTIDES NOGUEIRA.

Ai, seu moço, eu só quíria
p'ra minha filicidade,
um bão fandango por dia,
e um pala de qualidade.

Pórvã, espingarda e cutia,
uma facão fala-verdade,
e ua viola de harmonia
p'ra chorá minha sódade.

Um rancho na bêra d'agua,
vára-de-anzó, poca magua,
pinga hóa e bão café...

Fumo forte de sobejo...
P'ra compretá meu desejo,
cavallo bão—e muié

Bastião de Praçununga.



—A idéa do congresso do Mario é
genial?
—E' de um genio occulto.

—Não tem havido desastres na Cen-
tral?

—A culpa é do Frontin.



—O senhor não me garantiu que
este papagaio, que lhe comprei, repetiria
todas palavras que ouvisse?

—Garanti, sim senhor.

—Mas elle não repete uma unica pa-
lavra!

—Repete todas que ouvir, mas não
ouve nenhuma: é surdo como uma porta.



A ti... Esperança

De aromas, sempre os ares perfumando,
Perpassa a brisa farfalhante e meiga,
A balouçar-se vae de veiga em veiga,
Alegre, altiva, flores mil beijando.

Qual borboleta sorridente, a mando
D'um invisível, desta vida leiga;
A todos nós, mui carinhosa amega...
A brincar, sorrindo, os dias vae levando.

Eu era assim; da vida satisfeito
Té os dias, pequenos, pareciam;
Tinha a vida feliz; era a bonança...

Depois... o dia negro, e contrafeito
O ceo e o horizonte se ennuviam
E contigo, a f'licidade, foi-se... Espr'ança.

Luiz de Freitas.



Cumulo da gentileza:

—Queira perdoar, minha senhora!

—O quê, cavalheiro?

—E' que eu, inadvertidamente, acabo
de espetar um dos meus olhos no grampo
do seu chapéo.



No livro do Sr. Motta Coqueiro, cujo
apparecimento noticiamos no numero pas-
sado, ha um interessante capitulo que
trata da *quebradeira* em Buenos Ayres.



O senador Pinheiro Machado adqui-
riu hontem mais dois gallos de briga. Pelo
que vêm, a sua actividade politica não
csmorece.

O PISO

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



Já aqui dissemos uma vez que o «Pantheon» é assim uma especie de loja de barbeiro, onde os srs. *Immorriveis* irão sendo servidos, isto é, irão tendo entrada de accôrdo com a ordem da chegada e á proporção que se forem apresentando.

Repetimos o aviso por ser grande o numero de *candidatos*, e não nos ser possível dar mais de tres a seguir ; queremos dizer, só podemos dar tres *produções* de cada vez.

Ahi vae a primeira :

Quem resiste ?

(Ao H. S. V.)

Foi n'um dia de doce primavera
Em que o sol sobre a terra perfumada,
Derramava a claridade abençoada,
Que o previ, n'um sonho de chiméra,

Tinha no olhar uma affeição sincera
Captivante e ao mesmo tempo endiabrada
E a sua «bocca» si fôra bem provada
Enfeiticaria o Creador si a quizera.

Queria-o como se quer alguma moça
Sem comtudo tel-o em companhia,
Para abraçal-o e beijal-o a cada instante.

Tempos depois a natureza se alvoroaça
Para eleva-lo a homem em porfia
Tirando-o dos meus braços triumphante».

SNEBUR OLLEM.

Diga-nos, *seu* Rubens, quem era esse camarada que você «previu n'um sonho,» em pleno dia, quando o «o sol sobre a terra perfumada (?!) derramava a claridade abençoada», quem era ? Dar-se-á o caso de ser você adepto das theorias do Gouveia ?... Só assim se comprehende que você o quizesse «como se quer a alguma moça, para abraçal-o e beijal-o a cada instante»...

Olhe, *seu* Rubens, si você é mesmo Gouveia... como dá a perceber no seu *soneto*, caía no mangue e vá... *fomentar* outro, porque a nós você não *fomenta*, sabe ? Nós somos muito barbados e não vamos nisso...

Aprecie agora o leitor o monumento... gothico que se segue, e diga si o *Immorrivel* que o subscreve não está mesmo fazendo jús a um valente par de antolhos...

Naufrágio

As nuvens pelo ar, ceruleas,
Perpassam em estos rapidos;
Os trovões echoam vapidos
Sem que o nordeste vasculhe-as!

Crescem as ondas intrépidas
E alvas garças esqualidas
A fugir, tremendo, pallidas,
Vão ruflando as azas lépidas !

Surge a Náo ! Baloíça, tremula,
Do mar ao dorso, e após vemol-a
Sumir-se, por maior cumulo!

Trava-se a lucta titanica !
Ninguem se salva, e a oceanica
Mansão, abriu mais um tumulo !»

ADALBERTO BARRETO

Então, que lhes diziamos nós ? E' ou não uma verdadeira *obra* d'arte a deste camarada ?

Bem se vê que o *seu* Adalberto é *puêta* até *cavando*... rimas difficeis para as suas estupidificantes e estramboticas *produções*, cuja concepção audaciosa muito o recomendam á Academia Moreaux...

Mas que talento ! que poeta admiravel ! que grande pedaço d'asno nos sahio o *seu* Adalberto !...

Agora, já sendo horas de fechar a *porteira* do «Pantheon», vamos metter dentro do dito o ultimo dos *Immorriveis* para hoje classificados, aproveitando a occasião para apresentar ao leitor a *credencial* pelo cujo exhibida :

Ella ahi vae :

Que azar

Noutro tempo foi minha namorada
A mulher por quem tenho o peito em chamma.
Eu sei que ella agora não me ama
Porque vive feliz e está casada.

Mas, tendo na memoria bem guardada,
A physionomia linda dessa dama
Quando a vejo, todo meu ser se inflamma,
E fico com a cabeça transtornada !

Fui no domingo ao prado, e nas corridas,
Entre outras moças lindas e garridas
Ao lado do marido a divisei.

Eu lhe disse adeusinho, e o marido
Que é um rapagão bem sacudido
Quiz metter-me a bengala e eu azuliei !»

EFE LIMA.



Pois olhe, *seu* Lima, pena foi que o marido della não lhe tivesse mettido mesmo a bengala pelo fio do lombo, para você tomar vergonha na *porca* da cara e não tornar a dizer adeusinho a uma senhora casada, ouviu ?

Você diz que a dama foi sua namorada mas não diz porque foi que ella lhe amarrou a lata. Provalmente pe recebeu que você presta tanto quanto presta o *soneto* aleijado que nos enviou e... mandou você passar o *pescoço* nas ostras, não é verdade ?

Pois fez muito bem, e nós mandamol-o fazer o mesmo, *seu* paspalhão.

Films...

COELHO NETO

O Sr. Coelho Neto é um deputado que vive sob o delicioso movimento da solução de continuidade. Pelo menos, parece, porque S. Ex. já vem vindo como representante da terra de Gonçalves Dias, ha muito tempo. Mas isso pouco importa, comtanto que S. Ex. faça uma boa representação.

Ora, o Sr. Coelho, por natureza de idade, está fóra da classe dos "Cadetes da Gasconha"

No parlamento brasileiro, S. Ex. faz parte integrante dos — Novos Tulios.

Ali, na "Cadeia Velha", a sua figura lembra a de Horacio, Virgilio e Tibullo ; e na tribuna oratoria, quando fala, deixando os seus collegas embasbacados, o maranhense synthetisa perfeitamente, historicamente e simbolicamente, a grandeza sublime e magestática do glorioso Cícero que, na antiguidade, andava de triumpho em triumpho, diariamente, pelas ruas de Roma. Si S. Ex. tivesse nascido em Lacio, eu não trepidaria em dizer que o *seu* Neto descendia por linha recta da famosa familia dos Caccilius Plinius, tal a cultura primorosa, elegante, correcta, ataviada e límpida com que elle se apresenta em publico, ou em linguagem falada, ou em linguagem escripta. Na Camara não tem poupado o seu talento em beneficio da Patria, porque hoje, apresenta um projecto reformando a litteratura ; amanhã, outro, modificando o nosso idioma, que já está velho, e por ahi a fóra. Não ha dia em que elle não apresente um projecto de *utilidade* publica.

Aquelle da Letra do Hymno Nacional foi um monumento que infelizmente desmoronou, em vista de ter sido construido por um "Duque", que, alheio completa-

mente a essas construcções, não fez coisa que prestasse, apesar de haver angariado algum material bom que lhe fóra *offerecido* pelo tumulo do celebre e decantado poeta da terra do Sr. Conde Fernando Mendes.

Cá fóra, na vida mundana, S. Ex. é outro.

Si no Congresso a sua pose tem a mesma feição da de Demosthenes, nos salões festivos, a sua esthetica apparece sob a forma symbolica do gracioso e elegante Orpheu.

Na Camara, fala como um oraculo, inoculando na boça dos seus "prosopopaticos" collegas, os Horacios e os Virgílios de 2.^a classe, as mais deslumbradoras doutrinas e as mais crystallinas concepções.

Pertence tambem á nossa Arcádia. E' um dos muitos "immorriveis" d'aquelle pomposo Cenáculo.— Ainda mais, S. Ex. no Reino das Camenas tem o dominio de Phebo. Entre as bellas Deusas, a sua predilecção é por Melpomene, sem, comtudo desgostar das outras como : Clio, Erato, Flora, Bellona e Pomona, a quem distribue affectos carinhosos. E' um *portento* o *seu* Neto !

Na "Cadeia Velha", os *representantes* do povo ficam electrizados pelo delirio, quando S. Ex. abre a bocca e diz aos *heroicos* deputados: Ecce homo ! — e, então, mudos e quedos, ouvem-n'o silenciosamente, religiosamente, e sentem e percebem que o recinto anceia, palpita e soluça de emoção, escutando as palavras buriladas, saphirisadas, quaes catadupas brilhantes, que saem dos labios de S. Ex. : que costuma, com esses discursos de lingua e meia distrahir os paes da Patria.

E para cumulo de ventura, S. Ex. ainda tem outra qualidade que é a de falar difficil. E' uma coisa rara, e tanto que ninguem lhe entende, tal a transcendencia da fórmula e do estylo de sua linguagem culta e elevada. S. Ex. foi beber os seus conhecimentos scientificos em logares bem longe, bem occultos... Sabe-se mesmo que o Sr. Neto fez a sua aquisição scientifica em locaes bem profundos. Mas quem terá a coragem de fazer o mesmo ?!

Ninguem, por certo, porque fatalmente quem a isso se expuzesse, ficaria mergulhado, eternamente, nas trevas desse abysmo mysterioso e profundo, onde vive a transcendentissima sciencia do deputado Neto. E a prova é que ainda até hoje ninguem encontrou a significação da retumbante palavra — "Paredros"

Gaumont.



A INDEMN SAÇÃO

No dia seguinte áquelle doloroso incidente, o visconde chegou muito acabrunhado ao escriptorio.

Não era para menos. O automovel em que S. Ex. viajava, guiado elegantemente pelo seu afidalgado filho, atropelara numa das ruas centraes da cidade, uma criança, matando-a instantaneamente.

S. Ex. ficara estuporado diante daquelle pequeno cadaver, horrivelmente desfigurado, e mais soffreu em ouvir as lamentações da mãe que acompanhava o filho, mas que, por inadvertencia e atropalhão, não pudera evitar o desastre.

Quanto ao inquerito policial aberto contra o seu filho, isso não lhe importava muito. Era millionario e quem é millionario, sabe perfeitamente que essa questão de justiça e policia é, no final de contas, uma questão de dinheiro.

Apesar de millionario, S. Ex. porém, soffria muito com aquella dôr de mãe.

Tinha ouvido falar muito em soffrimento, principalmente quando acontecia ir ao Theatro; mas poucos casos presenciara e, desde os seus quatorze annos, só tivera um pensamento: ganhar dinheiro.

Sendo assim, não desviava a sua attenção para as coisas tristes e, mesmo quando lhe morreu a mulher, não tivera tempo de soffrer, porque eram tão fabulosas as contas dos medicos que a sua attenção toda se concentrou no aspecto financeiro do acontecimento.

Mas, aquella mulher a chorar e a gritar: meu filho! meu pobre José! partia o coração mais empedernido. Elle condoeu-se e, se Deus fosse subornavel, certo daria bem mil contos para restituir a vida daquelle miseravel criança.

Não podendo subornar Deus, pensou em indemnizar a mulher e, quando a viu mais calma, disse-lhe, dando o seu cartão:

— Procure-me amanhã.

Foi, após esses successos, ao dia seguinte que elle chegou acabrunhado ao seu escriptorio de negocios.

A pobre mulher lá estava. O filho já seguira caminho do cemiterio, graças á munificencia do Visconde; e a mãe, logo que deixou o infante na mansão dos mortos, correu ao encontro do crêso.

O Visconde, vendo-a na sala de espera, falou docemente:

— Minha senhora, como está?

— Assim, sr. Visconde.

E principiou a chorar copiosamente.

O Visconde ficou um instante estremecido e, ao fim de algum tempo, tentando consolal-a disse:

— Minha senhora, que se ha de fazer? Essas coisas vem do Alto... Entre, faça o favor.

A mulher entrou e, antes de sentar-se, elle chamou o seu thezoureiro:

— Bastos?

— Sr. Visconde, respondeu o homem numa sala contigua.

— Venha cá.

O thezoureiro não tardou em chegar e o Visconde perguntou:

— Quanto tens em caixa?

— Quarenta contos, visconde.

— Traga-me vinte contos que quero dar a esta senhora.

A mãe inconsolavel arregalou os olhos e os soluços do choro cessaram.

O thezoureiro trouxe o dinheiro e entregou ao Visconde. O embrulho não era grande; quarenta notas de quinhentos mil réis não fazem grande volume.

O Visconde contou, após o que, disse:

— Está ahí. Quer contar?

— Não precisa, sr. Visconde.

E tomou com pressa o pequeno thezouro.

Era outro o aspecto da Hebe afflicta. A mulher olhou o Visconde com espanto e alegria e o titular accrescentou:

— Com esse dinheiro, bem empregado, a senhora poderá viver tranquilla o resto de sua vida. Não lhe posso fazer mais...

— Obrigado, sr. Visconde.

Cessara de chorar a mãe da pobre criança esmagada e nos cantos dos labios havia um imperceptivel começo de sorriso.

Despediu-se e o Visconde ainda perguntou:

— Está satisfeita?

Estou, sr. visconde; mas tenho uma pena...

— Qual é?

— E' só ter tido aquella filho.

— Porque?

— Porque, se tivesse outro e morresse debaixo de automovel, seriam mais vinte contos.

O Visconde nada lhe disse e, quando ella atravessou a porta, acudiu-lhe o pensamento de que ella tinha razão. Elle era millicnario...



Au Bijou de la Mode — Grande depósito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhora e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.

O PISO

FILMS... COLORIDOS



Produziram o efeito desejado as duas grandes fitas desenroladas pela Angelina Lingua de Sogra, do S. José: — da primeira, que foi exhibida dentro do automovel, teve como recompensa um corte de seda preta, no valor de 120 fachos, e da segunda, que foi intramuros, um par de bichas no valor de 370\$000.

Digam depois que a zinha não é uma aguia de vôo largo!

— Diz o Tavares, girente do Rio Branco, que o Natal Kiosqueiro teve de pôr o relógio no prego para pagar as compras feitas na loja de fazendas pela Leonor Buscapé, visto ter ella ido além do credito dado por elle.

Aguente firme, seu Natal! as figurações dão esse resultado...

— Boa fita desenrolou também a Sylvia, convidando o pessoal do S. José para um forrobódó na Praça Onze, e que lhe era dedicado.

O mais bonito é que, os que lá foram, ao penetrarem naquelle "ambiente social" tiveram de morrer com 25 á entrada, por se tratar de um benefício!

— Tanto o Mendonça do Chantecler chorou as suas miserias junto á Olinda, do Pavilhão, que a zinha teve pena d'elle e fez as pazes...

Quando dará ella o fóra outra vez no camarada?

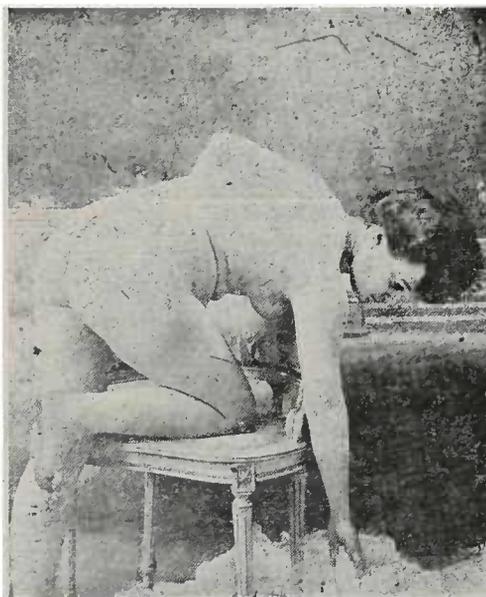
— Enviaram-nos a quadra abaixo, encontrada no camarim do Armando Estomago de Avestruz:

«Leva-me contigo
Farei o que quizeres,
Tu entre os anjos
Sylvina entre as mulheres.»

E levanta-se um pobre padeiro ás 4 horas da madrugada!...

— Informam-nos que o pessoal do Rio Branco vae cotisar-se e offerecer ao actor Campos uma lata de vaselina, afim de evitar que o mesmo continue a estar em scena sempre gemendo, assim como quem quer... cantar e não pôde...

Realmente, é uma bella idéa!



— Garantiram-nos que um moço que faz ponto no S. José, costuma, depois do espectáculo, fazer de guarda-nocturno, indo rondar até alta madrugada a casa da mulata Rita, do "Forrobódó"...

Mas que sacrificio!

— Depois de ter secca a mamminha dos arames, o Cabiac Cabeça de Paca espia do lado de fóra a Maioranna, da Maison, tendo ha dias puxado o revolver quando viu o Dr. Henrique a conversar com a chanteuse, na varanda.

Que fita, seu Cabiac!

— Disse-nos o Pinto Filhote que, graças ao uso que fez do Mucusan, está completamente curado do esfriamento que apanhou.

Parabens, seu Pinto.

— Ha dias, por ter a Leonor Buscapé entrado em scena antes de tempo, prejudicando uma scena da Leontina Entra na Fôrma, esta assentou-lhe umas chulipas sonoras; e si não fosse o beijinho dado pelo Silveira não conseguiriam apaziguar os animos.

Arre! Que pessoal fiteiro!

— A' ultima hora fomos informados de que as coristas Palmyra e Rosa Bocca de Sopa, haviam deixado de fazer parte do S. José, entrando para o S. Pedro, onde pretendem exhibir as costumadas e escandalosas fitas.

Ali pia mais fino e não ha protecções...

Operador.

O RISO

RASTIDORES



Afinal, foi muito mal contada a historia do banzê que se dizia ter feito o actor Gabriel Prata, por causa da subscrição em favor do actor Henrique de Carvalho e apresentada aos artistas da companhia Taveira pelo ex-ponto da mesma, o sr. Carlos Silva.

O sr. Gabriel deu-nos a sua palavra d'honra em como as coisas não

se passaram como nos foi dito, e pediu-nos a rectificação que ahi fica para desencargo nosso.

—Então, ó Mario Pedro, tens medo que o outro te vá ao pello?...

Não tenhas susto, rapaz; a Maria Amor não ha de deixar que elle o faça...

—Temos outra rectificação a fazer, e desta vez a pedido do Sá. Diz elle não ter perdido os taes 600\$ á batota, mas simplesmente 600 réis.

Nós logo vimos...

—Garantiram-nos que a *Pintainha* do S. Pedro tem se fartado de comer *fresuras* em companhia da sua collega Maria Amelia Reis...

Para o que havia de dar a *ajudanta* d'ordens do *tinente* Martins!...

Muito comportado está o Leitão! A Auzenda não o deixa pôr pé em ramo verde...

Ou não tivesse ella uma excellente mão de rédea!

—Diz o Avellar Pereira que o Lino Ribeiro fica *encantador* nas «Pílulas d'Hercules», com aquelle fato de criado que lhe deixa o *cachorro* á mostra...

—E por falar em cachorro. Até esta data ainda o Leonardo Feijão Fradinho não conseguiu impingir nenhum dos que teve «Mascotte».

Mas o pandego suppõe mesmo encontrar algum papalvo que lhe dê 50\$ por um cão vagabundo?

—O' Leonor, entras assim pela *casa da tia* a dentro, no 55, em pleno dia e sem mais aquellas?...

Olha si alguém te visse, hein!...

—Por ora não consta que o Raphael

Marques tivesse dado o rombo n'algum «bicheiro».

Por enquanto o rombo tem sido nas algibeiras delle...

—Informam-nos que a Judith Amor Sem Pessoço abriu *luz* sobre o maestro e poz-se a pannos, não mais apparecendo.

Dizem que foi atraz de um *pinto* que a occultou num cinema que é o seu *ideal*...

—Segundo nos disse o Madureira, muito em segredo, a sua collega Julia Graça resolveu fazer a barba e tomar o *Mucusan*, que é um poderoso preservativo das *defluxeiras*...

Este Madureira, este Madureira!...

—Sempre queremos ver si o José Alves torna a *fingir* que não gosta da prenda que já está promettida á Tina para a occasião do beneficio...

Não vê que elle se rala; pois sim!...

—Porque será que a menina Thereza Gomes, quando depara com uma certa pessoa no camarim do Gabriel, não é capaz de olhar firme para mesma, si o Gabriel está presente?

Sim, porque será isso? Serão *remormorsos*?

—Dizem-nos que o actor Lagos Cupidinho apesar de chamar velha á *mamá* Herminia, não é de todo indifferente aos seus sorrisos...

Lá diz o rifão:—«agua molle em pedra dura...»

—Ao que consta, a Candida Pauliteira já arranjou uma substituta para a Amelia do Albuquerque, nas *catações* que esta lhe fazia.

Agora é a Maria Amor Sem Olhos quem lhe presta esse serviço...

—O actor Alberto Ghira desistiu de deixar o teatro para se fazer «jornalista humoristico», segundo pretendia.

Pois é pena, porque o Ghira é uma verdadeira revelação!...

—Consta que a menina Clarisse apanhou ha dias mma fortissima constipação ao molhar a cabeça,

E' natural: extranhou a agua...

Disse-nos o Soares que apesar de dizerem ser elle uma valente «mangueira», ainda está longe de chegar ao *discipulo* Franco, que é quem occupa o 1º lugar na escala dos «mangueristas» do Recreio.

Parabens ao Franco, pela classificação...

Formigão



Quando o Raphael disse: *le cadet de Gascogne* — o Mario exclamou:

—Como este Raphael sabe inglez.



O Riso

Theatro d' "O Riso"

Tudo no seguro...

MONOLOGO

(*Typo commum de roceiro; tendo pelo rosto alguns pontos falsos e arranhões.*)

Eu resorvi co'a famia
Ir p'ro Rio de Janero,
P'ra distrahi um bocado
D'esta vida de rocero.

Tomemo o trem na estação,
Com bietes d'ida e vorta;
Nunca comi tanto pó,
—Té fiquei co'a bocca torta!

Lá no Rio de Janeiro,
N'um hoté fomo hospedá,
Que tem o nonie exquisito
De «Hoté Continentá».

A «boia» não era má,
E comemo de pagode;
Por signá que o rezultado,
Vou vê se contá se pode...

A muié só quiz comê
Ovos duros com linguiça,
E bebeu vinho demais,
Porque a sêde a coisa atiça...

A Luizinha comeu
Uns seis ovos estrallados,
Inda por cima *bateu*
Dois repolhos ensopados!

O meu pequeno mais velho,
Que se chama *Pequenino*,
Não quiz comê outra coisa:
—Só salada de pepino...

Eu fui quem teve mais juizo,
Porque só comi aquillo
Que eu estava precisando:
—Mindubi... p'ro meu *cochillo*...

Mas ao depois que acabemo,
E' que foi toda a questão,
—A muié tava engasgada,
No pequeno—indigestão!

A Luiza se torcia
Que nem podia gritá!
E a dor de barriga então,
Era molestia gerá...

Mas fomo todos passeá
Quando a coisa meiorou,
E nois fomo dá c'o o corpo
Lá na rua do Ouvidô.

Ahi a coisa voltou!
Tava tudo atrapaído!
A muié já tava branca,
E o *Pequenino* apertado!...

Quando chegemo na esquina
Da Rua Gonçarves Dia,
Um *astromove* na toda
Quasi matou minlia fia!

P'ra cadera do ingraxate
A muié foi desmaiada,
E sem fazê cerimonia
Lá soltou a marmellada!

A Luiza, já sem tino,
Voou n'uns degráo d'escada;
Lá em cima era um dentista,
Que a poz quasi desdentada!

Sem que a pequena dissesse,
Onde é que tava doida,
Metteu-lhe o ferro na bocca,
Tirou tres *dente* em seguida...

O *Pequenino*, coitado!
Com o susto que apanhou,
Foi de vendas na vitrina,
Vidro e cara esbodegou!

Veio o carro da *sistença*,
A tocá feito um damnado,
E dentro d'aquella joça
Fomo todos *carregado*...

Mas de repente... O' Senhor!
Eu vi tudo rebentá,
Nossa *sistença* c'o o bond
Foi na esquina se encontrá!
Sei que acordei no hospítá
—O mais eu não sei contá!

Lá pr'o Rio de Janeiro,
Nunca mais vou pr'o futuro,
Dar passeio c'o a famia
Sem tá tudo no seguro!

Gil Maia.

Recebemos e agradecemos um convite para o baile que S. Ex. o Sr. Marechal Hermes vai offerecer no dia 6, no palacio do Catette, ao general Roca.

A' vista do que aconteceu no ministerio da Agricultura, estamos nos ensaiando no maxixe.

O Riso

Mala d' "O Riso"

João Minhoca, (Barbacena) : - Não vae para o «Pantheon», não senhor. A sua *Decepção* é que não passa pela dita de figurar ali, que é, como tem visto, o *logar de honra dos poetastros*...

Póde, pois, continuar que nos dará até muito prazer.

Eugenio Soares—Em nossa redacção temos todos os exemplares d' "O Riso" desde o 1º numero, e vendemol-os a razão de 300 réis, os atrazados.

Anette—Publicamos, sim; basta que nos envie o *cliché*.

Motta Coqueiro—Esperamos um exemplar das suas *Impressões da Argentina*. Veja lá si se esquece. Estamos anciosos...

Ignorante—Não sabemos. Quem lhe póde informar isso é o *Figueiredo Pimentel*, d' *OBinoculo*. Elle é que sabesi fica feio ou não tirar *meléca* do nariz quando si está de casaca.



—Se a tua mulher te atraioasse o que farias?

—Fazia a *coisa* render.

BRUN & Ca.

Os conhecidos gravadores Brun & Comp., que desde longa data tinham seu *atelier* á rua Sára n. 20, Santo Christo, transferiram-n'o agora para rua Silva Jardim, 41, (antiga travessa da Barreira).

O *atelier* acha-se montado de accôrdo com as ultimas exigencias da arte, possuindo duas bôas machinas para *photo-gravura* e tudo mais que se possa desejar.

Não precisamos fazer maiores reclamaes aos Srs. Brun & Comp., porquanto seus trabalhos bastam para tornal-os cada vez mais acreditados.



—O pescador Toledo deitou a rêde e pescou... mil e tantos contos para a tal Inspectoria de bachareis tarrafeiros.



—Que fim levou o dr. Miguel Calmon?

—Anda calado porque espera o fim do governo para revelar-se.

Nº 1 PONTA DE CORTIÇA

Nº 2 PONTA DOURADA

✻ ✻ Luxuozamente preparados para o Bello Sexo ✻ ✻

O Riso



Receitas grátis

De um cavalheiro que se assigna *Constante leitor*, recebemos uma carta em que se nos pede para darmos por intermedio das nossas columnas, perdão, por intermedio das columnas d'*O Riso*, umas receitas que lhe possam ser uteis, bem como aos nossos demais leitores.

Tratando-se, como de facto se trata, de uma idéa realmente aceitavel, abraçamol-a incontinenti, e já hoje offereçemos a receita abaixo, pela qual nada cobramos, attendendo a que não somos interesseiros nem egoistas.

Ella ahi vae; trata-se da maneira porque se deve tratar uma pessoa atacada de rheumatismo, e que é aliás muito simples:

— O cidadão rheumatico deve, antes de tudo, ser o mais agil possivel. Ao erguer-se pela manhã, si se puder erguer, chamará pelo criado, si o tiver, e mandará que este, ou mesmo outra pessoa qualquer, lhe dê duas bafetadas, que é para o sangue affluir ao rosto e não estacionar nas pernas; depois, veste-se, salta pela janella e vae para a rua, onde dará uma corrida maluca até á Quinta da Boa Vista, que circundará, sempre a correr, voltando depois para o centro da cidade.

Feito isto, o doente descança um pouco, e quando se sentir mais alliviado torna a dar outra corrida com os olhos

fechados até ir dar com as ventas de encontro a um poste da Light ou um lampeão qualquer.

Neste ponto já o rheumatismo deve estar quasi desaparecido, mas como nem sempre isso acontece, deve o rheumatico estirar-se a fio comprido no meio da rua e esperar que sobre as pernas lhe passem alguns automoveis, e estará completamente curado.

Basta fazer isto e não haverá mais um unico rheumatico nesta terra.



Phantasia

Quanta ventura eu tive. O' sonhos deslumbrantes,
Aos milhões eu gosei na minha mocidade
Repleta de meiguice e amor e de vaidade
Das bellas illusões, ardentes, coruscantes.

No fogo do desejo em chammas crepitantes,
Sedento de viver em pura liberdade,
Amei como se pode amar na minha idade
Vivendo na illusão de sonhos inconstantes.

Na febre desse goso eivado de mentira,
Foi triste o meu martyrio e negro o meu revez
Na crença de um amor que o peito me nutrira.

Ai! sonhos ideaes extinctos de uma vez!
Enganaste a minha alma, amante que suspira,
A phantasia azul que em nada se desfez.

Edglobo.



Para fazer *pendant* á Directoria de Pesca, vae ser creada a Directoria de Caça. Haverá uma secção relativa á dita ou dotes.

Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

○○○○○ RIO DE JANEIRO ○○○○○



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO III

Senti a intensidade do teu prazer, tive a compreensão do gráo a que chegara o teu espasmo lubrico, seguimos minimos detalhes toda a marcha da tua carne para a voluptuosidade. E quando não foste mais do que um divino farrapo aguado pelo luxuria, quando o teu cumplice soltou a supremo vagido de besta insaciada, condemnei-me a mim mesmo, nos braços desse amante novo e simples como a sua brutalidade, foste mais deliciosamente feliz que nos meus braços viciosos de debochado.

Esperai, confiadamente, que lhe acudisse aos labios uma palavra de amor ou de arrendimento. Não a pronunciou.

—Vae, querida, segue a vida que dejesas. E' a formosa galanteadora a quem são indispensaveis os amores passageiros. A tua paixão não passou de um capricho. As minhas illusões mortas mal despertaram. Tudo isso vae recahir em um somno ainda mais profundo. Que importa! Comtudo, Marcella, não sou um máo companheiro, não te abandonarei por uma questiuncula. Fiquemos amigos e terminemos juntos a viagem. Assim como no primeiro dia, se desejares, ficarei junto de ti, no teu quarto, para te ver adormecer, e só te deixarei quando os teus sonhos me substituirem á cabeceira do leito. Depois de ter sido o amante, posso ser o espectador das tuas novas fantasias. Onde quer que os teus beijos cantem, não terei ciumes delles...

—Cala-te! exclamou Marcella, prohibo-te que continues... Vamos para o hotel.

Apenas chegámos á casa, começou a chuva a cahir.

Marcella subiu ao seu quarto e pediu-me para a deixar só um momento. Passados alguns minutos mandou-me chamar.

Encontrei-a recostada na *chaise-longue*, tinha o rosto afogueado, quasi vermelho: peguei-lhe em uma das mãos, escaldava.

—Soffres! Estás doente?

—Tenho alguma febre, grandes dores de cabeça... Sinto-me cansada, parece que vou morrer. Ha pouco deste-me um grande desgosto. Desejaria que tivesse menos razão. Emfim, assistia-te o direito de ser cruel. Põe a tua mão sobre o meu coração. Bate muito depressa, soffoco!

Puz a descoberto o côlo admiravel de Marcella, os lindo seios brancos e rosados que tantas vezes lubricamente beijara; encostei ahi o ouvido, senti-lhe as palpações do coração.

—Sim — continuou a minha amante quando terminei — na noite a que te referes, pertenci ao homem que, primeiro do que todos, me desejou, a quem fugi, que desdenhei, odiei, esqueci. A linguagem desse rapaz todo simplicidade, produziu em mim um effeito extraordinario, e não sei porque, amando-te sempre com a mesma fé, tive que te mentir, e offereci-me e elle. Voltou-me á lembrança a ultima vontade do amante d'outr'ora: «Sê boa para aquelle que te ama. Espalha a felicidade em volta de ti, acceta o amor daquelle que implora a tua belleza. E' a minha ultima supplica.» Estas palavras, tenho-as gravadas para sempre na mente, sou escrava dellas; ahi está porque me entreguei. Porque não intervieste, então, no momento fatal? E porque guardaste silencio durante tantos dias? Porque soffreste sem declarares a causa? Com que direito deixaste de me amar, sem me dizeres o motivo... eu era feliz julgando que nada soubesses, e, assim, a minha mentira não te teria susceptibilizado... preferiste deixar de me amar... Cansa-me a vida. Tinha feito tantos sonhos! Estão todos destruidos. Já me não amas, e eu amo-te ainda com a mesma verdade. Dizes-me adeus. Vou ficar só... Pois bem! Não posso resignar-me a isso depois de passar junto de ti tantos dias felizes. Queres ficar ainda algum tempo, não será muito; sinto que vou morrer breve. Mas, acredita, não tenhas ciume do outro; não recomeçarei.